



ASPECTOS IMPORTANTES SOBRE O ENSINO INICIAL DA LEITURA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM¹

Adriana Alves da Silva Chaves;

Pedagoga/adriana.chaves@ifma.edu.br

Fabiane Silva Martins;

Pedagoga/fabiane.martins@ifma.edu.com.br

Ana Carolina Cerveira Tavares;

Assistente Social/anacarolina@ifma.edu.br;

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA

RESUMO

Sabemos que em nosso país os índices de analfabetismo elevado sempre se fizeram presentes nas estatísticas tornando-se uma preocupação constante, assim, o presente trabalho aborda a questão de como deve se dar o ensino inicial da leitura, para a garantia de sucesso na aprendizagem de alunos com dificuldades de aprendizagem e para a formação de alunos leitores. Sabemos que o ensino inicial da leitura se constitui em um momento bastante importante na formação dos estudantes, visto que a leitura se fará importante em todo o percurso de sua vida. Logo, consideramos que vários estudiosos abordam aspectos importantes sobre como deve se dar esse processo de ensino inicial da leitura, favorecendo a formação de sujeitos leitores. Para tanto discutimos o ato de ler, que durante muito tempo, foi concebido como oralização, em que se priorizava a decodificação dos signos linguísticos, através de atividades mecânicas de repetição e silabação. Para fundamentar nossas ideias fizemos uso de estudo bibliográfico de diversos autores como, Smith, Lerner, Neimirovsky, Jolibert, entre outros. Abordamos, ainda, três aspectos importantes para o ensino e aprendizagem da leitura: a atribuição do sentido no ato de ler, por parte do leitor; as informações visuais e não-visuais; e ênfase na diversidade textual. Assim, nosso objetivo foi contribuir com informações e reflexões, que possam contribuir para a prática profissionais do ensino, considerando que o ensino inicial da leitura é fator primordial para o sucesso escolar de todos, inclusive dos alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem. Por fim, apresentaremos as nossas considerações finais.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país fortemente marcado pelo analfabetismo e pelas desigualdades sociais. No Estado do Maranhão, um dos mais afetados pelo analfabetismo e déficits educacionais, é comum encontrarmos crianças dentro das salas de aulas do Ensino Fundamental ainda não alfabetizadas, ou crianças que não compreendem o que estão lendo, tornando a leitura uma atividade mecânica.

Essa situação pode ser justificada pelo fato da escola ter priorizado, durante muito tempo, no ensino da leitura, apenas o ato de decodificação ou oralização, desconsiderando nesse processo a atribuição do sentido por parte daquele que lê.

¹ Produção construída a partir de um estudo bibliográfico sobre o ensino inicial da leitura, cujo objetivo foi compreender e refletir aspectos importantes sobre a formação de leitores.



Quando abordamos a questão de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem percebemos que os desafios tornam-se ainda maiores, pois estes necessitam de um ensino diferenciado para que possam ter sucesso na aprendizagem.

REVISÃO DA LITERATURA

Ao longo de toda caminhada humana faz-se presente a valorização da leitura, pois, esta contribui para aquisição de novos conhecimentos e norteia as nossas ações no mundo. Contudo, durante um longo período da história, o ato de ler confundiu-se com o ato de oralizar ou decodificar letras e palavras, tornando o ensino da pronúncia o objetivo principal a ser alcançado pelos professores, isto é, ensinar a ler, era ensinar a pronunciar bem.

Essa situação pode ser compreendida quando percorremos a trajetória do ensino inicial da leitura no Brasil, que durante muito tempo, se deu, basicamente, através de dois métodos: o sintético e o analítico. De acordo com Mortatti, (2006, p.5) o método sintético baseava-se em iniciar da “parte” para o “todo”, privilegiando o ensino gradativo da aquisição da “leitura”. Neste, as crianças deveriam entrar em contato com a leitura através de um destes três processos: soletração, fônico e silabação.

Em contrapartida, o método analítico defendia o ensino inicial da leitura partindo do “todo”, para a “parte”. Entretanto, foram diversas as formas de compreensão e utilização deste método que, dependendo da concepção de “todo” adotada pelos professores, o ensino da leitura podia começar pela palavra, sentença ou a partir da historieta. Este fato demonstra que a responsabilidade pelo sucesso escolar do aluno, não centrava-se no trabalho exercido pelo professor, mas, no próprio aluno, visto que:

Nessa necessidade de extrair a ‘pronúncia’ antes de compreendê-la, de dominar o sistema alfabético antes de atingir a compreensão, sempre a abordagem do sentido é relegada a uma fase posterior. O método adia o acesso à compreensão, obrigando a criança a cumprir tarefas mecânicas para atingi-la. (BAJARD, 2006, p. 503)

Formar leitores é uma tarefa que requer do professor, conhecimentos a respeito dos processos e fases que as crianças passam até adquirir atitudes de leitor. Neste sentido, Smith (1999, p. 19) afirma que “uma habilidade essencial para a leitura que não é ensinada a nenhum leitor é depender o menos possível dos olhos”, visto que, costuma-se atribuir demasiada preocupação em



decodificar o texto escrito, quando deveríamos saber que para lermos qualquer coisa, necessitamos ter informações visuais e não-visuais para garantir sucesso na leitura

Para o referido autor, “quanto mais informação não visual você tiver quando estiver lendo, menos informação visual você precisará. Quanto menos informação não visual você tiver quando estiver lendo, mais informação visual você precisará” (SMITH, 1999, p. 21). Em outras palavras, quanto mais conhecimentos tivermos sobre aquilo que estamos lendo ou que vamos ler, mais fácil e compreensível será a leitura e, assim, dependeremos o mínimo possível dos olhos, pois como nos informa Smith (1999, p.23):

[...] os olhos não vêem nada; a sua única função é colher a informação visual na forma de raios de luz e transformá-la em impulsos de energia nervosa que viajam ao longo de milhões de fibras do nervo óptico em direção ao cérebro, o que vemos é interpretação deste acúmulo de impulsos nervosos.

Assim, Smith (1999) afirma que ler coisas que não fazem sentido, falta de conhecimento relevante, relutância para usar a informação não visual e maus hábitos de leitura são fatores que causam a visão túnel, como por exemplo:

Se você lê muito devagar, você terá visão túnel, já que o sistema visual ficará saturado com toda a informação visual que você está tentando extrair da página. Se você está relutando em ir adiante, lendo e relendo em um esforço inútil para lembrar cada detalhe, você terá visão túnel. Se você se esforçar para ler cada palavra corretamente antes de olhar para a próxima, terá visão túnel, infelizmente esses maus hábitos de leitura são, às vezes, ensinados deliberadamente devido à crença de que eles ajudarão as crianças a ler. (SMITH, 1999, p. 37)

Desta forma, espera-se que, ao longo do Ensino Fundamental, as crianças aprendam a utilizar a leitura com o objetivo de favorecer seu próprio aprendizado e adquiram novas informações, lendo textos de forma autônoma, que expressem suas preferências e opiniões sobre o que foi lido.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na escola, a leitura é um objeto de ensino, e para que se constitua em objeto de aprendizagem, deve levar em consideração a atribuição do sentido por parte do aluno. Portanto, a formação de um leitor competente deve priorizar, como já vimos anteriormente, a compreensão daquilo que se lê, demonstrando que podemos ler também o que não está escrito, procurando sempre descobrir os vários sentidos que podem ser atribuídos a um texto, principalmente quando o aluno não mantém, em suas relações cotidianas, um contato sistemático com a leitura e com outros leitores.



Nesse processo, cabe aos adultos e a escola favorecerem a realização de atividades que desenvolvam o aprendizado das crianças, isto é, as crianças precisam ser sujeitos ativos no processo de aprendizagem da leitura, pois o que se verifica, é o professor assumir sempre a tarefa de gerenciar as atividades, restando às crianças apenas executá-las, ou seja, de decodificar, interpretar, encontrar semelhanças e diferenças, etc. Isso quer dizer que:

É lendo que nos tornamos leitor e não aprendendo primeiro para poder ler depois: não é legítimo instaurar uma defasagem, nem no tempo, nem na natureza da atividade, entre “aprender a ler”. Colocada numa situação de vida real em que precisa ler um texto, ou seja, construir seu significado (para sua informação ou prazer, cada criança mobiliza suas competências anteriores e deve elaborar nossas estratégias para concluir a tarefa). (JOLIBERT, 1994, p. 14)

Assim, é preciso respeitar a natureza das crianças, pois cada uma tem seu ritmo de aprendizagem, seu processo de descoberta, e seus obstáculos que devem ser sempre considerados. O importante é que eles desempenhem a parte principal na construção do seu aprendizado, que deve estar sempre relacionado com as suas práticas cotidianas. Logo, é importante que as crianças vivenciem situações reais de leitura, como ler placas de ruas, cartazes, embalagens, jornais e panfletos, pois, “é lendo de verdade desde o início, que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler...” (JOLIBERT, 1994, p. 15).

O professor, como ator principal na formação destes, deve ser um modelo, principalmente para os que ainda não sabem ler, criando situações de leitura, proporcionando oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura. Ao interpretar o papel “modelo leitor” o professor mostra “à criança a maneira como os adultos utilizam a leitura, do mesmo modo que lhe mostramos a maneira como usamos a linguagem” (LERNER, 2002, p. 95).

Assim, ele tem a responsabilidade de ensinar as crianças por que se Lê, a qual texto deverão recorrer para responder certo interesse ou necessidade, como o conhecimento que já se tem acerca de determinado autor ou assunto pode colaborar com a compreensão de um texto.

Jolibert (1994, p. 142) ressalta que para ensinar a leitura na escola é preciso considerar, em primeiro lugar, a diversidade textual e que para explorar os diversos tipos de textos é necessário lançar mão dos sete níveis de conceitos linguísticos ou indícios de leitura presentes no texto: **a noção de contexto**, ou seja, s foi extraído de jornal, revista infantil, álbum, fichário, livro de contos ou poema, cartaz, panfleto, carta, etc...; **os principais parâmetros da situação de comunicação**, que são o emissor, o receptor, o objeto a ser alcançado, e o local; **o tipo de texto; a superestrutura que se manifesta**, ou como o texto esta organizado espacialmente e logicamente; **sua linguística**



textual, que envolve pessoas, tempos e lugares, os campos semânticos e a pontuação do texto; **a linguística da frase** que envolve a sintaxe, vocabulário, ortografia e, também, a pontuação e as **palavras e microestruturas que as constitui** como, maiúsculas e minúsculas, singular e plural, masculino e feminino, pessoas e tempos verbais (grifo nosso).

Contudo, é importante lembrar que:

[...] não se trata, para o aprendiz leitor analisar o texto a partir desses sete pontos de vista linguístico e tampouco, para o professor, de pedir que sejam analisados como uma sequência de gramática explícita! Trata-se, para o leitor:

- de localizar no texto as marcas, as pistas, as manifestações, em suma os indícios deixados no texto por esses sete níveis de operações linguísticas;
- de coletá-los como informações que o leitor vai processar para construir o sentido do texto. (JOLIBERT, 1994, p. 144-145)

Com relação ao uso da diversidade textual dentro da escola, estes possibilitam toda informação necessária para o ensino e a aprendizagem da leitura. De acordo com Curto, Morillo e Teixidó (2000, p. 14), os textos podem se organizados em cinco grupos: enumerativos, informativos, literários, expositivos e prescritivos.

Os enumerativos são as listas, etiquetas, agendas, catálogos, índices, enciclopédias, etc..., ou aqueles que têm a função de manipular dados; os informativos são os jornais, as revistas, murais, relatórios e todos os outros com a função de informar; os literários são os poemas, os contos, e os da literatura em geral, que nos despertam sentimentos e emoções especiais; os expositivos como os livros, instruções escolares, receitas culinárias, tem a função de transmitir novos conhecimentos e, por fim, os prescritivos cuja função é regular com precisão o comportamento humano para a realização de algum objetivo.

Percebemos, então, a importância do professor conhecer as particularidades e propriedades inerentes a cada tipo de texto, pois, como destaca Nemirovsky (2002, p. 23) “cada tipo de texto se caracteriza por certas propriedades que o fazem específico e permitem distingui-lo dos demais.

Portanto, adquirindo a habilidade de reconhecer as características singulares de cada gênero textual, nos tornamos leitores capazes de identificar o tipo de texto com o qual nos deparamos, sem termos lido uma única palavra dele: “[...] atendendo unicamente à disposição do texto no espaço gráfico: as colunas em uma notícia jornalística; a lista de ingredientes; as linhas regulares na poesia; a localização da data, do destinatário do conteúdo e da saudação em uma carta” (Nemirovsky, 2002, p. 24).



Desta forma, fica evidente que o professor continua tendo papel de destaque no processo de aquisição da leitura, pois é ele quem vai direcionar as atividades e as escolhas dos textos a serem trabalhados em prol da formação dos alunos. Mas, é preciso que ele assuma um papel de ajudante, ou seja, é ele quem vai direcionar as crianças a desenvolverem seus próprios processos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos que, durante um longo período da História, o ensino da leitura baseou-se em atividades de oralizar e decodificar, sendo o método o subsídio principal para seu ensino. Contudo, em consequência de mudanças sociais e econômicas, tal modo de conceber a escrita passa a não mais responder as necessidades de uma sociedade que exige cada vez mais do ser humano a capacidade de reflexão e uma postura crítica.

Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir com os profissionais da educação, para que passando a compreender os processos envolvidos durante a leitura, bem como a necessidade da busca de fundamentação teórica sobre o ato de ler e seu ensino. A partir de então, o docente contribuirá significativamente para aprimorar a aprendizagem das crianças, favorecendo assim a formação de leitores de fato.

REFERÊNCIAS

BAJARD, Elie. **Nova embalagem, mercadoria antiga**. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 32, p. 493-507, set/dez. 2006.

CURTO, Luís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÓ, Manuel MiMiralles. **Ler e escrever: materiais e recursos para a sala de aula**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

JOLIBERT, Josette (cord.). **Formando crianças leitoras**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, 2002.

MORTATTI, Maria Do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário “Alfabetização e Letramento em Debate”, promovido pelo departamento de políticas de



educação e ensino fundamental da secretaria de educação básica do ministério da educação Brasília 2006.

NEMIROVSKY, Mirian. **O ensino da Linguagem escrita**. Trad. Neusa Kern Hickel – Porto Alegre, Artmed, 2002.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. – Porto Alegre, Artmed. 1999